

EXPOSIÇÃO FOTOGRÁFICA “CAMPO”: A CONSTRUÇÃO DAS NARRATIVAS DO QUINTAL AGROECOLÓGICO DA EFA COCAIS E DOS SABERES DOS CAMPONESES DOS COCAIS DE SÃO JOÃO DO ARRAIAL-PI

<https://doi.org/10.33871/23580437.2022.9.1.134-150>

Josenildo de Souza e Silva¹
Sarah Jamille Pacheco Rocha²

RESUMO: A agricultura familiar é caracterizada pela multiculturalidade e os elementos de resistência pela lógica neoliberal do agronegócio, desempenham papel fundamental no enfrentamento da exclusão, do êxodo e da insustentabilidade no campo. Entretanto, o processo histórico tem evidenciado perdas de memória do fazer camponês, dificuldades no acesso à informação e a pandemia de Covid-19 agravou problemas enfrentados pela profissionalização das juventudes rurais. A museologia social, historicamente, fez emergir experiências de inserção de jovens em espaços de diálogos e de pertencimento territorial nos campos de lutas e litígios do campesinato. Contudo, a presença de museus ocorre de forma desigual nas regiões brasileiras, o Nordeste é a terceira região em quantitativo e o Piauí figura como um dos estados com o menor número de museus do país. Diante desse contexto, o trabalho optou pela integração da pesquisa-ação participativa com a etnografia, envolvendo juventudes rurais e as tecnologias socioambientais da unidade técnico-pedagógica do Quintal Agroecológico da EFA Cocais - PI, utilizou-se instrumentos de inventário e oficina participativas para resgatar as memórias, histórias orais, mediações pedagógicas, experimentações da museologia social e dos elementos do patrimônio cultural, para propor a construção participativa de um museu de referência da identidade cultural dos saberes dos camponeses do território dos Cocais. Entre os resultados estão a Exposição “Campo” que utilizou instrumento de registro fotográfico dos jovens, dos camponeses e do processo de construção tecnologias do Quintal agroecológico, para promover intercâmbio, trocas de experiências, saberes, memórias e histórias geracionais. Tais achados subsidiaram a proposta de criação do museu de território na EFA Cocais como uma ferramenta de inserção social e resgate cultural. Conclui-se que a relevância histórica do Território dos Cocais e o enlace das juventudes rurais com o ambiente do Quintal Agroecológico, promoveu encontros de saberes, valorização, pertencimento territorial e preservação do patrimônio cultural camponês.

Palavras-chaves: Juventudes rurais; Quintal Agroecológico; Camponeses; Território.

¹ Pós Doutor em Bioeconomia de la producción Acuí-cola pela Universidad Marista de Mérida/México, Doutor em Administración y gestión de los recursos aquí-colas y pesqueros, pela Facultad de Economía de la Universidad Nacional de Misiones (UNAM) AR e Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, Graduado em Engenharia de Pesca e Licenciatura em Ciências Agrárias pela Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), Professor da Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDPAr), no curso de Engenharia de Pesca, atua como Coordenador do Programa de Pós-graduação em Artes, patrimônio e Museologia (UFDPAr). : <https://orcid.org/0000-0002-7285-8909>

² Mestranda em Artes, Patrimônio e Museologia da Universidade Federal do Delta do Parnaíba Piauí- (UFDPAr), Especialista em Patrimônio Cultural na Universidade Estadual do Piauí- (UESPI), Graduada em Licenciatura em Educação Artística com habilitação em Artes Plástica na Universidade Federal do Piauí- (UFPI), Professora da Secretária Municipal de Educação (SEMED) Timon-MA. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2438-9703>

PHOTOGRAPHIC EXHIBITION “CAMPO”: THE CONSTRUCTION OF THE NARRATIVES OF THE AGROECOLOGICAL BACKYARD OF EFA COCAIS AND THE KNOWLEDGE OF THE PEASANTS OF THE COCAIS OF SÃO JOÃO DO ARRAIAL-PI

ABSTRACT: Family farming is characterized by multiculturalism and the elements of resistance to the neoliberal logic of agribusiness, plays a fundamental role in facing exclusion, exodus and unsustainability in the countryside. However, the historical process has shown loss of memories of what to do as a peasant, difficulty in accessing information, and the Covid-19 pandemic has exacerbated problems facing the professionalization of rural youth. Historically, social museology has emerged experiences of inserting young people into spaces of dialogue and territorial belonging in the fields of struggles and disputes of the peasantry. However, the presence of museums occurs unevenly in Brazilian regions, the Northeast is the third region in quantity and Piauí is one of the states with the lowest number of museums in the country. Given this context, the work opted for the integration of participatory action research with ethnography, involving rural youth and the socio-environmental technologies of the technical-pedagogical unit of the Quintal Agroecológico of EFA Cocais - PI, using inventory instruments and participatory workshop to rescue memories, oral histories, pedagogical mediations, experiments in social museology and elements of cultural heritage, to propose the participatory construction of a museum of reference for the cultural identity of the knowledge of peasants in the territory of the Cocais. Among the results are the “Campo” Exhibition, which used an instrument for photographing young people, peasants and the process of building technologies of the agroecological backyard, to promote exchange, exchange of experiences, knowledge, memories and generational stories. These findings supported the proposal to create the territory museum at EFA Cocais as a tool for social insertion and cultural rescue. It is concluded that the historical relevance of the Territory of Cocais, the link between rural youth and the environment of the Agroecological Backyard, promoted a meeting of knowledge, appreciation, territorial belonging and preservation of peasant cultural heritage.

Keywords: Rural youth; Agroecological Backyard; peasants; Territory.

EXPOSICIÓN FOTOGRÁFICA “CAMPO”: LA CONSTRUCCIÓN DE LAS NARRATIVAS DEL PATIO AGROECOLÓGICO DE EFA COCAIS Y EL SABER DE LOS CAMPESINOS DE LA COCAIS DE SÃO JOÃO DO ARRAIAL-PI

RESUMEN: La agricultura familiar se caracteriza por la multiculturalidad y los elementos de resistencia a la lógica neoliberal del agronegocio, juega un papel fundamental frente a la exclusión, el éxodo y la insostenibilidad en el campo. Sin embargo, el proceso histórico ha evidenciado pérdida de memoria del qué hacer como campesino, dificultad para acceder a la información, y la pandemia de la Covid-19 ha agudizado los problemas que enfrenta la profesionalización de la juventud rural. Históricamente, la museología social ha emergido experiencias de inserción de jóvenes en espacios de diálogo y pertenencia territorial en los campos de luchas y disputas del campesinado. Sin embargo, la presencia de museos ocurre de manera desigual en las regiones brasileñas, el Nordeste es la tercera región en cantidad y Piauí es uno de los estados con menor número de museos del país. Dado este contexto, el trabajo optó por la integración de la investigación acción participativa con la etnografía, involucrando a la juventud rural y las tecnologías socioambientales de la unidad técnico-pedagógica del Quintal Agroecológico de EFA Cocais - PI, utilizando instrumentos de inventario y taller participativo para rescatar memorias, historias orales, mediaciones pedagógicas, experimentos de museología social y elementos del patrimonio cultural, para proponer la construcción participativa de un museo de referencia para la identidad cultural del saber de los campesinos del territorio de los Cocais. Entre los resultados está la Exposición “Campo”, que utilizó un instrumento para fotografiar a jóvenes, campesinos y el proceso de construcción de tecnologías del traspatio agroecológico, para

promover el intercambio, intercambio de experiencias, saberes, memorias y relatos generacionales. Estos hallazgos sustentaron la propuesta de creación del museo del territorio en EFA Cocais como herramienta de inserción social y rescate cultural. Se concluye que la relevancia histórica del Territorio de Cocais, el vínculo entre la juventud rural y el entorno del Patio Agroecológico, promovió un encuentro de conocimiento, valoración, pertenencia territorial y preservación del patrimonio cultural campesino.

Palabras llave: Juventud rural; Patio Agroecológico; campesinos; Territorio.

Introdução

A exposição tem sido um instrumento de comunicação dos museus. Ela suscita momentos de diálogos entre o acervo e o público, no contexto rural colabora com a preservação e valorização dos saberes, as histórias orais e memórias dos camponeses, tais partilhas contribuem para profissionalização das juventudes rurais, sobretudo tem se destacado como instrumento de suporte a construção identitária territorial.

O território dos Cocais do Piauí, localizado na macrorregião Meio-Norte e na porção Centro-Norte da bacia do rio Parnaíba, possui extensão territorial de 17.780,4 Km², composto por 22 municípios, a população corresponde a 393.009 habitantes, dos quais 173.573 vivem na zona rural, IBGE (2020). As atividades produtivas, concentram-se nas culturas de arroz, milho, castanha de caju e mandioca, criação de pequenos e médios animais (ovinocaprinocultura, piscicultura, suinocultura e avicultura) e manejo da apicultura, associado ao extrativismo, vegetal do babaçu, cera de carnaúba, pequi e jaborandi e a opala mineral. O setor de serviço (artesanato, gastronomia, turismo rural e transformação) mostra evolução, associado a histórica atividade de comércio, SILVA et al. (2018).

A ação pedagógica das escolas de profissionalização rural no território, tem sido urbana e focada na agricultura industrial, atuando com realidades incompatíveis com as das comunidades da agricultura familiar. Na prática, os jovens, tornam-se meros executores de uma propaganda ideológica capitalista do estímulo ao consumo de externalidades para produzir, atuam como soldados da produção insustentável e contribuem com o esmagamento da cultura camponesa. O campesinato é uma organização social rural, apesar de viver em relação com os mercados das cidades, suas bases locais lutam para conservar a identidade, afeição a terra, a produção primária, de mão de obra familiar, manejando a natureza num processo de co-evolução e o pertencimento ao território que vive, PLOEG (2008); GUZMÁN E MOLINA (2005); NOGAARD (1994); PALERM (1976); e SHANIM (1976).

Como toda opressão gera resistência. O território abriga algumas práticas significativas de educação profissional para as juventudes rurais de princípios camponeses, com destaque para Escola Família Agrícola (EFA Cocais), que atua com a pedagogia da alternância, utilizando momentos com a família, com a comunidade e com a escola, inserindo o jovem camponês-educando e sua família como protagonistas do processo educativo, identitário e de pertencimento territorial. Nesse espaço escola, encontra-se a unidade técnico-pedagógica do Projeto Quintal Agroecológico, que atua com estratégias de produção de alimentos, trabalho, renda e resgate dos conhecimentos camponeses.

Segundo Rocha e Silva (2021), o projeto mobiliza um conjunto de tecnologias socioambientais integradas de tanques de Aquicultura em Sistema de Recirculação de Água (RAS), hidropônia, canteiro econômico, galinheiro móvel, pomar e roçado, para produzir alimentos saudáveis a partir do uso consciente dos recursos naturais. O Quintal é uma ação conjunta da Cooperativa de Trabalho de Prestação de Serviços para o Desenvolvimento Rural da Agricultura Familiar (COOTAPI), Universidade Federal do Delta de Parnaíba (UFDPAr) e a Secretaria Estadual de Agricultura Familiar (SAF).

Buscando colaborar com o fortalecimento do campesinato, tendo como pano de fundo as narrativas de uma exposição fotográfica intitulada de “Campo”, a investigação utilizou elementos da pesquisa-

ação participativa e da etnografia, junto a juventudes rurais e camponeses, envolvidos com as tecnologias socioambientais da unidade técnico-pedagógica do Quintal Agroecológico da EFA Cocais. O trabalho contou com oficinas participativas, com o uso das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC's) e dos elementos da educação patrimonial para promover a construção de conhecimentos 'capacitação' em Museologia Social e Patrimonial Cultural, buscando subsidiar o Inventário Participativo e montagem expositiva dos saberes do campesinato como contribuição a salvaguarda das memórias, preservar os saberes e identidade das juventudes rurais, DUARTE (2021); DUBRULL E DECCACHE-MAIA (2021); VALENÇA E ROZENTINO (2020).

A exposição fotográfica "Campo" propiciou experiências e sentimentos aos atores envolvidos com construção de conhecimentos nas vivências de gestão do patrimônio cultural e museologia social do ambiente escolar, fazendo emergir o olhar pertencente dos jovens rurais para com as tecnologias socioambientais do Quintal Agroecológico e para o ofício dos camponeses dos cocais. Confirmando as afirmações do IPHAN (2016), de que o patrimônio cultural imaterial é constituído de bens intangíveis, de saberes e práticas, resgate de conhecimentos tradicionais por atores sociais que culminam em entender muito da história de sua comunidade.

Nesse contexto, o trabalho buscou refletir e responder: Qual a contribuição da museologia social sobre o território? A exposição "Campo" contribuiu com o resgate patrimônio cultural imaterial da comunidade camponesa dos Cocais? A exposição fotográfica contribuiu para a proposição de criação de um museu dos saberes no Território dos Cocais?

O Território dos Cocais

A concepção de território surge a partir de estratégias de atores envolvidos na aquisição de conhecimentos, de informações comuns, mediante a prática ou a experiência coletiva, os agentes sociais econômicos, indivíduos ou instituições que elaboram ou executam atividades, ou mantém relações num determinado espaço de pertencimento.

A abordagem territorial, segundo Saquet (2010) são constituídas em quatro tendências, que ocorreram no tempo histórico e coexistiram em algumas situações, momentos e período: a primeira, eminentemente econômica, na qual se entende o território a partir das relações de produção e das forças produtivas; a segunda, disciplinada pela dimensão geopolítica do território; a terceira, pautada na dinâmica política e cultural, simbólico-identitária, tratando de representações sociais, centradas na fenomenologia; a última, voltada às discussões sobre a sustentabilidade ambiental e ao desenvolvimento local, tentando articular, ao mesmo tempo, conhecimentos e experiências de maneira interdisciplinar. Para Costa et al. (2021), o desenvolvimento territorial faz parte de um esforço de atuação estratégica para redução das incertezas e dos riscos de um processo de globalização dos mercados que alimenta a degradação intensiva dos ecossistemas e o aumento das desigualdades sociais.

A abordagem territorial não é simplesmente a criação de territórios, mas como afirmam Grisa e Schneider (2015), desenha um processo de política que privilegia a governança e a gestão social. No dizer de Favareto (2009) não deve ser apenas um discurso presente nas políticas, de órgãos governamentais e de agentes sociais como organizações e apoio e movimentos sociais, sem, ainda, um correspondente em termos de mudança institucional. Na prática, deve acrescentar, conforme afirmam Boziki et al. (2020) a dimensão do fortalecimento e à institucionalização de espaços de participação sociais, os quais são promotores da valorização das características sociais, econômicas, produtivas, culturais e geográficas de cada território.

Nesse contexto, a história do espaço do estudo, o Território dos Cocais e de seus municípios se confunde com a colonização portuguesa, o povoamento das terras a partir do século XVII e as fazendas de gado. A denominação Cocais foi dada pelo fato de incorporar, em grande medida, a região dos cocais ou mata de cocais, ricas em espécies de palmeiras como babaçu, carnaúba e buriti,

presentes em quase todos os municípios. Localizado na Macrorregião Meio-Norte, na porção Centro-Norte da bacia do rio Parnaíba e conta com uma área de 17.512,8 km² e uma população estimada em 367.796 habitantes. Esse território é composto por 22 municípios: Barras, Batalha, Brasileira, Campo Largo do Piauí, Domingos Mourão, Esperantina, Joaquim Pires, Joca Marques, Lagoa de São Francisco, Luzilândia, Madeiro, Matias Olímpio, Milton Brandão, Morro do Chapéu do Piauí, Nossa Senhora dos Remédios, Pedro II, Piracuruca, Piri-piri, Porto, São João da Fronteira, São João do Arraial e São José do Divino. (Figura 1)

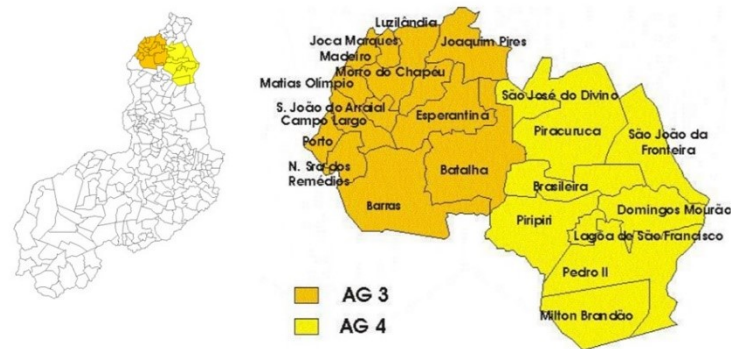


Figura 1: Mapa do Território de Desenvolvimento Cocais. Fonte: CEPRO, 2013.

Um território ainda carregado de marcas do processo de ocupação, com herança forte de desigualdades sócio político e econômica com índices elevados de analfabetismos, infraestrutura básica de produção, saúde, estradas, escolas entre outros, e, cultura política dominadora são visíveis na dinâmica atual do território, que embora tenha avançado nos últimos dez anos, com economia baseada no extrativismo, babaçu, carnaúba, arroz, castanha de caju, milho, ovinocaprinocultura, bovinocultura, avicultura, floricultura, fruticultura, turismo rural, indústria de vestuário e agroindústria. Esse contexto de assimetrias, tem sido minimizado pelas estratégias territoriais da soberania alimentar que insere os costumes e a tradição da cultura camponesa como um espécie de museu que reinventa novas formas de participação comunitária, HERNANDEZ e LEÓN (2018).

As tramas que unem a Museologia Social e o Patrimônio Cultural

O museu é um habitat, é uma continuação de nossas casas, é um espaço de diálogo democrático, é um momento de fazer ouvir a voz do público que ecoa. O visitante de um museu cria expectativas desde o momento em que entra, o momento em que está presente, até ao sair do museu. Se olharmos os visitantes com o mesmo olhar de quando recebemos visitas em nossa casa, então é importante fazer esse visitante sentir-se em casa, pois suas expectativas baseiam-se naquilo que os toca, naquilo que lhes propõe um sentido de liberdade, como espaço livre de narrativas, como um lugar de questionamentos, o que espera é que todo aquele momento desde o entrar ao sair desse espaço museal tenha sido um tempo transformador. (LEITE, 2014)

No mundo atual, o museu não é mais um espaço só de objetificação, ele é um lugar dinamizador, ele tem e deve atender a minoria, as pluralidades culturais, de cada lugar, ele tem que estar a serviço da comunidade, dentro de um território, tem que ir até as pessoas, e essas serem os principais atores sociais, assim afirma Leite (2014), “hoje a nova museologia nos mostra que devemos aprender a conviver com o nosso território, com os saberes locais, que são os principais ponto de partida para que a aja uma inovação social”.

É nesse contexto, que em 1971, na Conferência geral do Conselho Internacional de Museu (ICOM), realizada na França e posteriormente em 1972, na Mesa-Redonda de Santiago do Chile, sobre o papel dos museus na América Latina, apresentou-se novos caminhos da museologia, seu interesse estava na criação de novos tipos de museus, tais como, ecomuseus, museus da sociedade, centros culturais, para isso, estudos foram realizados com o intuito de que os atores sociais da comunidade local

participem, pesquisem, compreendam, salvaguardem e divulguem suas próprias histórias e memórias, em benefício do desenvolvimento local. (DESVALLÉES E MAIRESSE, 2013)

Diante disso, ainda na mesma década surge na França um “laboratório da nova museologia” o “Ecomuseu da Comunidade urbana Le Creusot-Montceau-Les-Mines – Museu do Homem e da Indústria.” A constituição desse tipo de museu é centrada nas pessoas, sua base apoia-se no tripé que resulta da noção de patrimônio, na participação da comunidade em seus diferentes fluxos sociais, culturais, históricos e da sua relação com o território. (VALENÇA E ROZENTINO, 2020)

E é olhar sob esse prisma dos compromissos sociais que a nova museologia revisa o papel social e cultural dos museus, passando a reproduzir as particularidades da comunidade, do indivíduo e dos grupos que a compõem, apresenta estratégias socioculturais e econômicas, tendo como ponto forte uma museologia do desenvolvimento. Essa relação dos atores sociais com o seu território nesse processo de desenvolvimento local possibilita múltiplos significados, como campo de aprendizagem, se integram, se reconhecem e se sentem pertencidos a esse espaço concreto e híbrido. (VARINE, 2013)

Na Declaração de Caracas de 1992, foi apresentado o Relatório de Síntese da XVI Conferência Geral do ICOM, no qual trouxeram em pauta a missão atual dos museus e da museologia, entre as quais cabe destacar: a inserção de políticas museológicas nos planos do setor de cultura; análise das proposições teóricas em torno dos museus do futuro; reflexões acerca da ação social do museu; suportes legais e inovações de organização dos museus; o museu como início de comunicação.

Sendo assim, ao pensar na missão do atual museu, a museologia social ancora-se no desejo de prestar serviços práticos à vida, com o interesse em (re)inventar, (re)imaginar, (re)ver os museus. Conforme o autor Chagas (2019), a museologia social assume como uma museologia do afeto, os museus são potências poéticas e políticas, apresentam respostas singulares para problemas também singulares, eles existem na sociedade, são construtores sociais em movimento.

Sob essa concepção das práxis na museologia social, é que o autor Pires (2019), apoia-se ao pensamento de Chagas, para quem a museologia social não é meramente um discurso distanciado sobre a realidade, ela é uma forma de intervenção. Portanto, trata-se de uma política, ao agir, demanda uma postura ética de seus envolvidos, é também poética, o seu ser e fazer. Suas atividades prático-críticas em um território, apresentam uma dinâmica do afeto, em que os saberes tradicionais são resgatados e valorizados, e outros saberes são produzidos. A museologia social é vista como a mais adequada para tratar questões em uma comunidade, a comunidade é a que se constitui por meio de afetos e pela luta estabelecida.

A ideia do museu é fazer com que os atores sociais participem do processo museológico. Não tem espaço no museu sem que este esteja aberto a múltiplas representações, que vão além do mero objeto, da exposição, ou da coleção, é um espaço de liberdade que possibilita o diálogo mais participativo, Varine afirma que o museu é “territorial”, “fonte de educação popular” e “transmissão cultural”, sua matéria primordial é o “patrimônio”. (2013, p.183)

Nesse viés patrimonial que segundo o autor Varine se refere, entende-se que os atores sociais são os criadores do seu patrimônio, sob diferentes formas fornecem os húmus, a terra fértil necessária ao desenvolvimento, as raízes se nutrem dos numerosos materiais, assim, os camponeses tomam consciência do seu território, como campo de aprendizagem, o patrimônio são as raízes do território, pois está presente: “o solo e a paisagem, a memória e os modos de vida, as construções, a produções de bens e de serviços adaptados as demandas e às necessidades das pessoas, etc.” (VARINE, 2013, p.18)

Pensando nisso, o supracitado autor pontua que, o que importa é que o patrimônio seja reconhecido pela comunidade como seu, pois somos todos os herdeiros de uma história, ele sempre é um elemento essencial da identidade local, regional e nacional. O patrimônio é antes de tudo da natureza

comunitária, é emana de um grupo humano diverso e complexo, vivendo em um território e compartilhando uma história, um presente, um futuro, modos de vida, crises e esperanças. É aceitar constatar seu desaparecimento ou sua transformação de um dia para o outro.

À vista disso, no patrimônio cultural existe uma estreita ligação com a museologia social, uma vez que ambos constituem uma relação direta com a sociedade, na qual o autor Chagas et al. (2018) explica, que a sociedade elabora permanentemente seus saberes e fazeres à luz das transformações sociais. Assim, o autor nos fala que patrimônios e museus, são campos de lutas, conflitos e litígios, em que se disputam o substantivo e com especial interesse o adjetivo.

Os caminhos percorridos da metodologia

O estudo optou pela investigação plural, com elementos da pesquisa-ação participativa, no entender de Brandão (2006) e Thiollent (2011), especificamente, por incorporar, ao mesmo tempo, uma metodologia de investigação e um processo de intervenção social, propondo uma análise da realidade como uma forma de conhecimento e sensibilização dos atores envolvidos como protagonistas da transformação da realidade. De forma associada, integramos a etnografia ao Quintal Agroecológico da EFA Cocais e aos saberes dos camponeses dos Cocais, conforme orienta Fonseca (1998), ao facilitar diálogo de saberes, ao emergir as vivências e as narrativas coletivas.

A abordagem qualitativa foi utilizada, de acordo com Minayo (1994), para analisar os significados, das ações e das relações humanas. Essas abordagens metodológicas, subsidiaram o uso do Inventário Participativo das tecnologias do Quintal Agroecológico e dos saberes dos camponeses, conforme recomenda o IPHAN (2000) para produzir conhecimento sobre os domínios da vida social aos quais são atribuídos sentidos e valores e que, portanto, constituem marcos e referências de identidade para determinado grupo social.

O estudo concentrou a coleta de dados no município de São João do Arraial ao norte do estado do Piauí, localizado no Território dos Cocais, seu processo de investigação teve como elemento central a construção da exposição fotográfica “Campo” realizada no período de agosto a dezembro de 2021, envolvendo 7 (sete) jovens rurais da EFA Cocais, subsidiada por oficinas participativas de construção de conhecimentos ‘capacitação’, que estimulou um olhar consciente sobre os benefícios que as tecnologias trazem relacionados às vivências das juventudes rurais e a relevância das experimentações da museologia social e do patrimônio cultural no processo de inventariação. Tais instrumentos de forma associada, atuaram como mobilizadores para o fortalecimento da proposição da criação de um museu de território para salvaguardar as referências culturais das tecnologias socioambientais do Quintal Agroecológico da EFA Cocais e os saberes do ofício dos camponeses dos cocais, como patrimônio cultural imaterial de São João do Arraial/PI. Vale ressaltar que seguimos todos os protocolos estabelecidos pela Organização Mundial da Saúde (OMS) nesse período pandêmico da COVID-19, como: distanciamento social, uso de máscara e álcool em gel.

Oficinando na escola

O trabalho de oficinas participativas abordou diferentes campos de conhecimentos, com destaque para a museologia social e patrimônio cultural, no dizer dos autores Rocha e Silva (2021), favoreceu a compreensão da multiplicidade de aspectos que compõem a realidade das juventudes rurais, com a construção de conhecimentos, envolvendo teorias e práticas. O trabalho buscou despertar momentos de observação, registro, exploração e apropriação, conforme orientam Horta, Grunberg, Monteiro, na sua obra “Guia Básico da Educação Patrimonial” (1999).

O início das oficinas participativas se deu através da capacidade analítica, de discussões, julgamentos críticos, chegando a uma interpretação sobre o significado de museologia social, patrimônio cultural e inventário participativo, para pôr em prática esse aprendizado os jovens realizaram uma caminhada nas áreas que abriga a EFA Cocais, em que puderam observar a escola como um espaço educativo caracterizado pelos saberes dos camponeses. Ao término da caminhada foi realizado a construção de

um mapa afetivo, para interpretar com desenhos, os laços afetivos criados com a unidade escolar e o que os fazem sentir pertencentes ao contexto do lugar. Esse tipo de atividade, (Figuras 2 e 3) permitiu aos jovens realizarem uma leitura do mundo que os rodeiam, levando-os a compreensão do universo sociocultural e da trajetória histórico-temporal em que estão inseridos como asseguram as autoras Horta, Grunberg, Monteiro, (1999) que definem a educação patrimonial como um instrumento de ‘alfabetização cultural’.



Figura 2: Caminhada pela EFA Cocais. Fonte: autores, 2021.



Figura 3: Construção do mapa afetivo. Fonte: autores, 2021.

Em um segundo momento, foi realizada uma oficina com o uso das TICs, tais como, a fotografia, no afirmar de Resende et al. (2020), o tempo que perdura nas cenas, tempo que expressa outro tempo, tempo lento e ativo, tempo que se faz presente e conta histórias. Nesse sentido, estabeleceu-se um tempo para que os jovens pudessem expressar aquilo que perceberam visualmente, o quanto podem entender a realidade do seu entorno, as dimensões sociais e culturais, através de um olhar subjetivo, conforme Barbosa (1997) afirma, a fotografia como geradora de uma linguagem artística, implica em desenvolver, crítica e criação.

De forma paralela, mas integrada ao espaço ‘oficina’ de construção de saberes foi trabalhado a produção de vídeos, um universo mais familiar a cultura cotidiana desses jovens em função do uso das redes sociais, contudo o trabalho procurou seguir as recomendações de Duarte (2002) quanto a produzir, identificar e descrever o significado das narrativas filmicas, uma vez que traduzem consciências coletivas e imaginárias no contexto social que eles participam.

Essas oficinas buscaram com o processo de inventariação, do Quintal Agroecológico e dos saberes dos camponeses, possibilitar uma compreensão do patrimônio na mediação da construção de conhecimento dos jovens, levando-os a reconhecer a existência dos saberes locais e a vivência das

comunidades, ao identificar a cultura de pertencimento, a partir do envolvimento afetivo com o seu patrimônio cultural, (TOLENTINO, 2022), como estavam associadas as entrevistas puderam investigar como protagonistas da identidade local, aproximando-se das afirmações de Leitte (2014) a respeito da conservação do patrimônio ser também um espaço de construção dos patrimônios.

As narrativas que se constroem

O uso das TIC's são muletas para fazer mover o processo de aprendizagem mútua dos atores envolvidos na educação do campo, para Macedo et al, (2021), em meio aos desafios da inserção de ferramentas tecnológicas nos ambientes de ensino-aprendizagem, essas se apresentam como recursos favoráveis a aprendizagem, em razão de sua grande versatilidade desde que os envolvidos no processo educativo explorem as potencialidades.

As TICs são instrumentos que para ser usados como suporte a pedagogia, exigem planejamento e levar em conta a complexidade de adaptação como metodologias de ensino, entretanto desperta novas estratégias de ensinar e curiosidade em aprender COSTA e SOUZA (2017). Nessa perspectiva, o trabalho utilizou como conteúdo o aprendizado sobre museologia social e os elementos do patrimônio cultural, tendo como pano de fundo o conjunto das tecnologias socioambientais do Quintal agroecológico da EFA Cocais, um ambiente de um laboratório ao ar livre, um museu vivo, na qual a teoria se une a prática, no fortalecimento da compreensão da multiplicidade de aspectos da agricultura familiar que compõem a realidade cultural das juventudes rurais e saberes camponeses, que associadas às TICs, fizeram emergir nos jovens reflexões, conforme aponta Macedo et al. (2019), sobre abrir aos jovens possibilidades de novos cenários para a formação e qualificação profissional.

Entendo que a EFA trabalha a aprendizagem com a dialética, reflexão e ação, utilizando a realidade camponesa como elemento que motiva a relação ensino-aprendizagem. O processo de execução do trabalho investigativo buscou estar integrado e associado aos instrumentos metodológicos da pedagogia da alternância que a escola maneja, com destaque para o caderno da realidade, caderno de acompanhamento, intervenções, estágio supervisionado e Projeto Profissional Jovem (PPJ), especificamente, as oficinas de TICs, fotografias e vídeos, e dos elementos da educação patrimonial, associado às entrevistas com os camponeses (figura 4), estiveram amalgamadas com as ferramentas trabalhadas na escola. Essa prática integrativa, vem ao encontro ao que Oliveira et al. (2020), trata sobre a experiência vivenciada pelos jovens, pois possibilita a interação do estudante com a realidade, permitindo-os interpretar e construir o significado desta realidade, diagnosticando e problematizando as situações de seu entorno, com isso abrir formulações tecnológicas viáveis e eficazes para a transformação do seu meio rural.

Ao realizarem as entrevistas (figura 4), esses jovens perceberam que os seus saberes são heranças adquiridas através das relações familiares, passados entre gerações, que lhes emergem pertencimento, conhecimento e identidades, essas etnografias orientadas por perguntas, levaram essas juventudes a perceber o que Silva et al. (2018) afirma sobre as observações e entrevistas, especificamente, quanto ao fato das imagens habitarem o cotidiano das juventudes, as observações, as escutas, os múltiplos processos de interação que pavimentam o reconhecer de identidades ou diferenças, semelhanças ou diversidades.



Figura 4: Registro da entrevista com os camponeses. Fonte: autores, 2021.

A perceberem que os costumes da família são importantes para entenderem o que são, valorizar seus saberes e levar esse legado para as futuras gerações. Nesse sentido, o processo de inventariação, conforme relata o IBRAM (2020), estabeleceu relações dos atores envolvidos com o patrimônio, com a história, a memória e o território, constituindo-se em uma ferramenta pedagógica que valoriza os saberes tradicionais nos quais estão inseridas essas referências culturais.

Nesse contexto, a exposição fotográfica focou a atuação nos resultados das etapas da pesquisa, como as oficinas de elementos da educação patrimonial e as TICs, com as juventudes rurais, a construção participativa do Quintal Agroecológico da EFA Cocais e o saber fazer dos camponeses do território, especificamente, do que aponta Silva et al. (2018) que o conhecimento sobre o que fazer na roça, no seu labor é para o agricultor familiar e sua família um elemento de resistência, chamado de soberania alimentar, como a base da disposição das comunidades e seus povos de produzir alimentos em suas terras e territórios, ensinar as gerações vindouras o ofício, não apenas como uma voluntariedade de caráter produtivo, mas sobretudo uma decisão política e cultural de manter suas raízes no lugar de pertencimento, no seu território, que na visão de CAZELLA; BONNAL; MALUF (2009) contempla multiculturalidades de recursos materiais e imateriais, principalmente um saber-fazer, relacionado à história local.

A exposição, levou em consideração as narrativas desenvolvidas da história oral que se relaciona com a história e a memória, promovendo um intercâmbio de trocas de experiências, através de diálogos, que são como propriedades de conversar certas informações, das quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas. (LE GOFF, 2013). Os diálogos em cada encontro, a oficina representou uma semente de construção de confiança, de reconhecimento, de reencontros de memórias e intercâmbio de saberes, ressignificações de sentidos e de constituição de novas roupagens sobre a vida do campo. Mais do que isso, foi possível observar que foram se constituindo laços afetivos que em um primeiro momento estavam até pouco visíveis, mas com o avançar dos processos de comunicação multilateral, geraram coesão comunitária e pertencimento cultural a realidade camponesa e suas formas de resistência, com abertura de novas perspectivas com as tecnologias socioambientais do Quintal Agroecológico, inclusive de profissionalização nos jovens.

Na prática a exposição levou em consideração algumas ideias e metas estabelecidas pelo Manual do IBRAM (2017), “Para fazer uma exposição”, que consiste em três tempos: antes, durante e depois. Nesse sentido, a exposição ocorreu na EFA Cocais, por ser o espaço em que ocorreram as oficinas participativas, a construção do Quintal Agroecológico e por ser o espaço pedagógico em que os camponeses confiam a educação dos seus filhos. O acervo foi composto por fotografias do processo de construção do Inventário Participativo e cunhado de “Campo”, por representar o lugar de múltiplas

atividades da agricultura familiar e seus princípios agroecológicos. Nesse sentido, entendo como cultura familiar camponesa, como aponta Cazella; Bonnal; Maluf (2009), a unidade que se reproduz em regime de economia familiar e que desenvolve qualquer processo biológico sobre um pedaço de terra, considerando também que ela está “situada” num território com determinadas características socioeconômicas, culturais e ambientais. Acrescidas as dimensões, estabelecidas por Silva (2013), política, que privilegiem o envolvimento da sociedade no exercício democrático, a participação enquanto poder, autonomia e emancipação popular; humana, na prevalência do apoio mútuo, solidariedade e de preservação das gerações futuras; e espiritual, considerando as análises históricas geracionais que o homem faz da natureza, suas crenças, mitos e sucessões de fenômenos naturais como previsão de novos acontecimentos para coevoluir.

Para a composição do cenário construímos uma casa de palha (figura 5), o espaço dedicado foi uma sala de aula e a mensagem visual que buscamos foi a de transmitir uma moradia que representasse as tradições, a identidade e a cultura do povo do campo. Desse modo, o uso das linguagens expositivas, a construção de diálogo e discussão com e entre visitantes, conforme orienta o IBRAM (2017) os visitantes devem perceber, compreender e interpretar o significado dos objetos expostos. Para tanto o ambiente foi animado para constituir cenários para vídeos, com possibilidade de abranger diversas naturezas fílmicas, como aponta VALVANO (2020), para captar imagens, consideradas reais, sobre algum aspecto da sociedade, tanto o imaginário, quando a economia e a política. Criando um ambiente para que a narrativa interpretativa de ler as entrelinhas da exposição, permitisse ao visitante entender a conjuntura sociocultural e ambiental, com as tintas mais próximas a dor e o clamor daqueles que vivem o território realidade dos Cocais.



Figura 5: Casa de palha do povo do campo. Fonte: autores, 2021.

A montagem da exposição contou com o apoio dos 7 (sete) jovens da EFA, definindo-se e imprimindo as fotografias, se moldurou em papel cartão preto (figura 6). Para a composição do cenário, materiais disponíveis na natureza ao redor da escola, tais como, pau a pique, vergalhão do babaçu, palhas secas do babaçu, como mostra a (figura 7), utilizamos também elementos do meio rural como cofo, abano, peneira, esteira de palha, chapéu e o símbolo desse território dos cocais, o coco babaçu. O ambiente buscou ser uma representação metafórica para a construção de interpretação e narrativa, conforme aponta Fonseca (2018), reproduzir os modos de construção e reflexão pertinente as identidades, numa relação complexa entre tradição e modernidade, campo, nativo, novo e velho.

O espaço da exposição foi dividido em módulos, identificando-os através de etiquetas cada atividade executada ao longo da pesquisa, recebemos na exposição visitantes oriundos de escolas públicas locais, agricultores familiares de três municípios vizinhos e autoridades políticas, fazendo-os conforme aponta Rufino (2021) interagir diretamente com a exposição, rompendo com barreiras, com maior mediação entre público, textos e o trabalho. O processo de mediação dessa exposição contou

com o apoio dos jovens participantes que estiveram com o público nos percursos interpretativos (figura 8), a exposição colaborou para o entendimento das características do contexto do território, das histórias orais e memórias, o que permitiu aos visitantes um olhar sensível para interpretar e analisar as questões sociais da agricultura familiar, nas quais estão inseridas os camponeses, os jovens do campo e o Quintal Agroecológico da EFA Cocais, colaborando com as recomendações do IBRAM (2017) quando recomenda, que as exposições devem ser “instrumentos para a produção e reprodução de conhecimentos”.



Figura 6: Confeção das molduras. Fonte: autores, 2021.



Figura 7: Processo de recolha de materiais . Fonte: autores, 2021.



Figura 8: Mediação e visitação do público . Fonte: autores, 2021.

O ambiente da exposição fotográfica fez emergir elementos para a proposição de criação de um museu dos saberes dos camponeses, a EFA Cocais regimenta organismos educativos qualificados para atuarem em atividades com capacidade crítica de perceber, interpretar e ressignificar os meios. A

construção de conhecimentos como um processo permanente, conforme indica Wilder (2004), o ambiente escolar é mais favorável e torna o diálogo com os acervos, transformando a frequência desse museu enriquecedora, pois ele vai contribuir para a interpretação, atribuindo sentido, explicação e entendimento do mundo o qual está inserido o contexto em que está exposto.

Considerando-se que esse museu já vem sendo construído de forma participativa através da inventariação das tecnologias socioambientais do Quintal Agroecológico e dos saberes dos camponeses, a sua constituição é o de se libertar das amarras das coleções, buscando escapar como aponta Jesus (2019) de qualquer enquadramento mais definido de imagens que passa a oscilar entre o retrato, a fotografia e vídeo, deseja se colocar no fluxo de um espaço de intercessão de diversos suportes, estratégias e práticas, nesse caso camponesas.

O sentimento dos atores envolvidos no processo, inclusive institucionais, é que deve constituir um museu de discursos, de acervo com histórias e memórias, deixando de ser entendido como mais um museu, conforme o orienta Moutinho (1994), um museu dotado de processos participativos, expondo ideias significativas que apelam ao saber à emoção e aos sentidos e à memória de quem com elas é confrontado. Os museus são instituições que assumem uma função social, ao valorizar a diversidade cultural, as histórias orais e memórias que se entrelaçam, não são feitos só de paredes, ele é sobretudo “o resultado de um processo complexo, seus objetos são discurso encenado pelos atores sociais, suas vitrines resultam nas suas escolhas”; BRULON (2020); OLIVEIRA (2020).

As estratégias para a proposta de criação desse museu levou em consideração, a inter-relação EFA Cocais /quintal agroecológico/camponeses, um acervo composto por uma exposição permanente de placas de acrílico, contendo fotografias e textos apresentando os saberes dos camponeses, exposto em duas salas de aula da instituição, cada placa conterá um *QR Code* que direcionará as fichas do Inventário Participativo, a unidade do Quintal Agroecológico da EFA Cocais como um laboratório ao ar livre, utilizado para ações educativas e culturais. O conjunto desse espaço museal terá o intuito de promover, pesquisar, preservar, comunicar e salvaguardar os bens culturais do Território dos Cocais.

O museu como campo de aprendizagem, de trocas de experiências, de práticas interdisciplinares, de espaço museal educativo de integração da função social da agricultura familiar, profissionalização das juventudes rurais, experimentações da museologia social e do patrimônio cultural, para ampliar o campo das possibilidades de construção identitária e a percepção crítica acerca da realidade do patrimônio cultural imaterial do Território dos Cocais. Um museu que contribua com a escola e os instrumentos da pedagogia da alternância, conforme preconiza Oliveira (2020), e valorize o sentimento de pertença com atividades ligadas ao campo, motivando ao estudante-camponês a cultivar o gosto pela sua realidade, além de estimular a sua capacidade criativa e a elevação da autoestima.

Considerações finais

A luz dos resultados e com base nos autores referenciais utilizados, a investigação destacou algumas considerações finais:

- A exposição fotográfica “Campo” utilizou elementos da museologia social para apoiar o resgate de valores do patrimônio cultural imaterial territorial;
- A investigação contribuiu com ressignificações de narrativas históricas, saberes, ofícios e memórias camponesas, fortalecendo a identidade e pertencimento territorial do povo Cocaleiro;
- O encontro (inventário e exposição) das juventudes rurais com as tecnologias socioambientais do Quintal Agroecológico e com os ofícios dos seus ascendentes, reconfiguraram salvaguardas de referências culturais, com a proposição de um museu dos saberes camponeses no Território dos Cocais;

- A proposta é de um museu de ensino-aprendizagem, de trocas de saberes geracionais, espaço de práticas multiculturais, um espaço de perpetuação do patrimônio vivo da agricultura familiar, da educação do/no campo e do campesinato.

Referências bibliográficas

BARBOSA, Ana Mae Tavares. *A imagem no ensino da arte: anos 80 e novos tempo*. São Paulo: Perspectiva, 2014.

BONNAL, Philippe . CAZELLA, Ademir Antonio. MALUF, Renato . *Multifuncionalidade da agricultura e desenvolvimento territorial: avanços e desafios para a conjunção de enfoques*. Estudos: sociedade e agricultura, v.16, n. 2, 2008. Disponível em: <https://revistaesa.com/ojs/index.php/esa/article/view/302>. Acesso em: 04 jun 2022.

BOZIKI, Damiane Maria. BINKOWSKI, Patrícia. HERNANDEZ, Aline Reis Calvo. A política de desenvolvimento territorial e os instrumentos de ação pública no território rural Campos de Cima da Serra, Rio Grande do Sul. UFRGS: Lume Repositório Digital, 2019. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/196773>. Acesso em: 06 jun 2022.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Pesquisa participante: a partilha do saber. In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues, STRECK, Danilo Romeu (Org.). *A pesquisa participante e a participação da pesquisa: Um olhar entre tempos e espaços a partir da América Latina*. Aparecida-SP: Ideias & Letras, 2006. p. 21-54.

BRULON, Bruno. *Descolonizar o pensamento museológico: reintegrando a matéria para re-pensar os museus*. Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material, [S. l.], v. 28, 2020. p. 1-30. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/anaismp/article/view/155323> > Acesso em: 09 jan 2022.

CEPRO, Fundação. *Piauí em números*. 10.ed. Teresina, 2013.

CHAGAS, Mário, PRIMO, Judite, STORINO, Cláudia, ASSUNÇÃO, Paula. *A museologia e a construção de sua dimensão social: olhares e caminhos*. Cadernos De Sociomuseologia, 55(11), 2018. Disponível em: <https://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/6364>> Acesso em: 09 jan 2022.

COSTA, Mayara Capucho. SOUZA, Maria Aparecida Silva de. *O uso das TICs no processo ensino e aprendizagem na escola alternativa “Lago dos Cisnes”*. Revista Valore. v. 2, n. 2, 2017.

COSTA, Tiago da. ALPERSTEDT, Graziela Dias. ANDION, Carolina. *Dimensões da abordagem territorial do desenvolvimento: uma proposta conceitual*. Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional G&DR. V. 17, N. 2, P. 179-193,2021.

DESVALLÉES, André. MAIRESSE, François. *Conceitos-chave de Museologia*. São Paulo: Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus: Pinacoteca do Estado de São Paulo : Secretaria de Estado da Cultura, 2013. 100 p.

DUARTE, Rosália. *Cinema & Educação*. Belo Horizonte: Autêntica,2002.

DUBRULL, Davi Saldanha. DECCACHE-MAIA, Eline. *Processos de produção de exposições em um museu de ciências: o mast como exemplo*. ENSAIO • Pesquisa em Educação em Ciências. (Belo Horizonte), n 23, 2021 . DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1983-21172021230110>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/epec/a/qxvdGg8cKqMwKdrYhJD9dcS/>. Acesso em: 04 jun 2022.

FAVARETO, Arilson. A abordagem territorial do desenvolvimento rural – mudança institucional ou

- “inovação por adição”?, Estudos avançados, v. 24, n. 68, 2010. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0103-40142010000100021>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/qCS5FF9gRpxwDgv9MQYkN7C/?lang=pt>. Acesso em: 04 jun 2022.
- FAVARETO, Arilson. *Retrato das políticas de desenvolvimento territorial no Brasil*. Documento de Trabajo N° 26. Programa Dinámicas Territoriales Rurales. Rimisp, Santiago, Chile.
- FONSECA, Ana Margarida. *Das águas e das gentes: escrever a identidade*. Mulemba. Rio de Janeiro: UFRJ, v. 10, n. 18, 2018.
- FONSECA, Cláudia. *Quando cada caso NÃO é um caso: pesquisa etnográfica e educação*. Revista Brasileira de Educação, v.10, 1999. P. 58-78. 1998. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24781999000100005&lng=pt&tlng=pt Acesso em: 12 jan 2022.
- GRISA, Catia. SCHNEIDER, Sergio. *Três gerações de políticas públicas para a agricultura familiar e formas de interação entre sociedade e Estado no Brasil*. In: Políticas públicas de desenvolvimento rural no Brasil . – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2015. 19-22 p.
- GUZMAN, Eduardo Sevilla. MOLINA, Manuel González. *Ecología, Campesinado e historia*. Madrid: Ediciones de la Piqueta. 1992.
- HERNÁNDEZ, Luis Llanos. LEÓN, Eugenio Eliseo Santacruz de. *Food sovereignty and environmental risk in the social construction of rural territory in san juan ixtenco, tlaxcala*. Economía y políticas públicas, textual 72, p. 67-100, 2018. DOI: 10.5154/r.textual.2017.72.006.
- HORTA, Maria de Lourdes Parreiras, GRUNGBERG, Evelina. MONTEIRO, Adriane Queiroz. *Guia básico de educação patrimonial*. Brasília: IPHAN, Museu Imperial, 1999.
- IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Cidades e Estados*. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pi/panorama>. Acesso em: 04 jun 2022.
- IBRAM, Instituto Brasileiro de Museus. *Caminhos da memória: para fazer uma exposição*. Brasília, DF, 2017.
- IBRAM, Instituto Brasileiro de Museus. *Curso de Inventário Participativo*. Saber Museus, Brasília, DF, 2020.
- IPHAN, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. *Inventário nacional de referências culturais: manual de aplicação*. Brasília, 2000.
- IPHAN, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. *Educação Patrimonial: Inventário Participativo*. Brasília, DF, 2016.
- JESUS, Eduardo Antonio de. *A imagem em movimento e os espaços da arte contemporânea: outras formulações do audiovisual*. Revista FAMECOS, v. 26, n. 3, 2019. DOI: <https://doi.org/10.15448/1980-3729.2019.3.31437>. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/31437>. Acesso em: 04 jun 2022.
- LE GOFF, Jacques. *História e memória*. 7ª ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2013.
- LEITE, Pedro Pereira. *Museologia e Inovação Social*. Conferência: Patrimonialização e sustentabilidade do patrimônio: reflexão e prospectiva. Lisboa, 2014.
- MACÊDO, Magda Martins. LÉLIS, ÚRSULA Adelaide de. SILVA, Leandro Luciano da. GOMES, Maria Auxiliadora. Amaral Silveira. *Pedagogia da alternância e educação do campo: dos hibridismos epistemológicos à simetria com a educação Popular*. Revista Brasileira de Educação do Campo, v. 4, p. e7323, 2019.

- MINAYO, Maria Cecília de Souza. *Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade*. v. 21. ed. Petrópolis: Vozes, 1994.
- MOUTINHO, Mário Canova. *Sobre o conceito de museologia social*. Cadernos de Sociomuseologia, v. 1, n. 1, 11, 1993. Disponível em: <https://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/467>. Acesso em: 27 maio 2022.
- NORGAARD, Richard B.; SIKOR, Thomas O. *Metodología e práctica de la agroecología*. IN: *Agroecología: Bases científicas para una agricultura sustentable*. In: AGROECOLOGIA: Bases científicas para una agricultura sustentable . 1a Ed. Montevideo. Editora Nordan Comunidad, 1999.
- OLIVEIRA, Eric de. POMUCHENQ, Felipe Junior Mauricio. ROMANO, João Pedro Sampaio, JADEJISKI, Rainei Rodrigues. *Extensão rural e formação técnica no curso técnico em agropecuária da escola família agrícola de Jaguaré- Espírito Santo*. Kiri- Kerê: pesquisa em ensino, v. 3, n. 4, 2020. DOI: <https://doi.org/10.47456/krkr.v3i4.33136>. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/kirikere/article/view/33136>. Acesso em: 04 jun 2022.
- OLIVEIRA, Tatiane. *Museologia Social: em rede, em movimento, em coletivo e a experiência do Museu Vivo do São Bento*. Cadernos de Sociomuseologia, v. 59, n. 15, p. 25-52, 3. 2020.
- PIRES, Vladimir Sibylla. *A museologia social, o comum e o perspectivismo da luta. Lugar Comum – Estudos de mídia, cultura e democracia*. v. 56, 2021. p. 97-112. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/lc/article/view/41599/22556>> Acesso em: 09 jan 2022.
- RESENDE, Lorena Maia. ROCHA, Eduardo. KIKUCHI, Fernando Henrique Nascimento. FERREIRA, Henrique. GUNTHER, Isolda e Hartmut. SILVA JUNIOR, Luiz Gilberto. SOPEÑA, Sirlene de Mello. CLAVERO, Wiliam Brito. *Exposição fotográfica simpósio iaps 2019 parte i*. Pixo: revista de arquitetura, cidade e contemporaneidade, v. 04, n. 13, 2020. DOI: <https://doi.org/10.15210/pixo.v13i4.19448>. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/pixo/article/view/19448>. Acesso em: 04 jun 2022
- ROCHA, Sarah Jamille Pacheco; SILVA, Josenildo de Souza e. *Uso das TICS na profissionalização das juventudes rurais da Escola Família Agrícola- EFA Cocais em contexto de covid-19..* In: Anais do XII Fórum Internacional de Pedagogia - FIPED. Anais...Cajazeiras(PB) AINPGP, 2021. Disponível em: <https://www.even3.com.br/anais/xiifiped2021/434247-uso-das-tics-na-profissionalizacao-das-juventudes-rurais-da-escola-familiar-agricola--efacocais-em-contexto-de-co>>. Acesso em: 27 maio 2022.
- RUFINO, Maíra Rocha. *Etnografia de uma exposição do museu da arte contemporânea do Ceará*. Revista Encantar, v. 3, p. e021009, 2021.
- SAQUET, Marcos Aurelio. *Abordagens e Concepções de Território*. 2ª Edição. São Paulo: Expressão Popular, 2010. 200p.
- SAQUET, Marcos Aurelio; SANTOS, Roseli Alves dos. *Geografia Agrária, Território e Desenvolvimento*. 1ª Edição. São Paulo: Expressão Popular, 2010. 256p.
- SHANIN, Teodor. *A definição de Camponês: Conceituações e Desconceituações. O Velho e o Novo em uma Discussão Marxista*. São Paulo, Estudos Cebrap 26. 1976.
- SILVA, Josenildo de Souza e. *Des-envolvimento ou envolvimento participativo?*. In: Política e Planejamento Regional – Uma Coletânea /Brasília: Gráfica Movimento, p. 98 -106, 2013.

SILVA, Josenildo Souza de. *Quintais agroecológicos*. Editora universitária – Edufpi, ISBN: 978-85-509-0183-1, Teresina, 2017.

SILVA, Jonathan Fachini da. *Exposição de crianças e travessias atlânticas: o trânsito de práticas e pessoas para o extremo sul da américa portuguesa (1750-1810)*. Esboços: histórias em contexto globais, v. 28, n. 48. 2021.p. 509-530. DOI: <https://doi.org/10.5007/2175-7976.2021.e76022>. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/esbocos/article/view/76022>. Acesso em: 06 jun 2022.

SILVA, Thales Vinícius. LAURIANO, Mateus Henrique. GONÇALVES, Laise Vieira, NASCIMENTO JUNIOR, Antonio Fernandes. *O Museu de ciências e a cultura popular em diálogo para a construção do conceito de bioma*. Periódico Eletrônico Fórum Ambiental da Alta Paulista , [S. l.], v. 14, n. 4, 2018. DOI: 10.17271/1980082714420181954. Disponível em: https://publicacoes.amigosdanatureza.org.br/index.php/forum_ambiental/article/view/1954. Acesso em: 6 jun. 2022.

THIOLLENT, Michel. *Metodologia da Pesquisa-Ação*. 18. ed., São Paulo: Cortez, 2011.

TOLENTINO, Átila B. *Educação patrimonial e construção de identidades: diálogos, dilemas e interfaces*. Revista CPC, [S. l.], v. 14, n. 27esp, p. 133-148, 2019. DOI: 10.11606/issn.1980-4466.v14i27espp133-148. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/cpc/article/view/158560>. Acesso em: 4 jun. 2022.

VALENÇA , Viviane. ROZENTINO , Gelsom. *Ecomuseu Ilha Grande: musealização e construção coletiva*. Cadernos de Sociomuseologia, v. 59, n. 15, p. 77-102, 3. 2020.

VALCANO, Thaís. *Identidade cultural sob uma perspectiva filmica: cinema e interdisciplinaridade*. Ambivalências. V. 7, n. 14. 2019. DOI: 10.21665/2318-3888.v7n14p202-222. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/Ambivalencias/article/view/11308>. Acesso em: 4 jun 2022.

VARINE, Hugues de. *As raízes do futuro: O patrimônio a serviço do desenvolvimento local*. Porto Alegre: Medianiz, 2013.

WILDER, Gabriela Suzana. *Inclusão sociocultural: uma missão dos museus de arte*. São Paulo: ECA/USP, tese de doutoramento, 2004.